DAS HORIZONTALIDADES ÀS VERTICALIDADES: REFLEXÕES SOBRE A REDE URBANA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

FROM HORIZONTALITIES TO VERTICALITIES: REFLECTIONS ON THE URBAN NETWORK IN THE STATE OF MATO GROSSO DO SUL

DE LAS HORIZONTALIDADES A LAS VERTICALIDADES: REFLEXIONES SOBRE LA RED URBANA EN EL ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Igor Ronyel Paredes Gomes
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
igor.ronyel@gmail.com

Maria José Martinelli Silva Calixto
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
mjmartinelli@yahoo.com.br

Destaques

- A rede urbana, enquanto conjunto funcionalmente articulado de centros urbanos e suas hinterlândias, pode ser lida como regiões funcionais estruturadas por relações horizontais.
- No estado de Mato Grosso do Sul, a rede urbana apresenta uma estrutura marcada pela concentração de papéis e funções em poucas localidades centrais (capitais regionais), que atendem horizontalmente ampla parcela do território.
- Nas últimas décadas, no bojo do processo de globalização, a rede urbana vem passando por redefinições. As relações horizontais são tensionadas por interações verticais.

v. 16, n. 32, 2025 - ISSN 2176-9559
REL/DOI 10.30612

RESUMO

O presente ensaio visa refletir sobre a rede urbana no estado de Mato Grosso do Sul, considerando o par horizontalidade e verticalidade, cunhado por Santos (1994). Para o embasamento do diálogo, além do apoio no último estudo da publicação Regiões de Influência das Cidades – REGIC (IBGE, 2018), que apresenta dados sobre a redes urbana, abordaremos também, inspirados no caminho metodológico de Catelan (2012), os dados de importações e exportações dos centros urbanos do estado, a partir da consulta à plataforma COMEX STAT[1] do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, para avaliar como se inserem na condição de consumo, distribuição e produção. Alguns produtos cartográficos (rede urbana, importações e exportações do Mato Grosso do Sul) foram sistematizados utilizando o software ArcGis 10.8.2.

Palavras-chave: Rede urbana. Horizontalidades. Verticalidades. Heterarquia urbana. Importações e exportações. Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This essay aims to reflect on the urban network in the state of Mato Grosso do Sul, considering both horizontalities and verticalities, pointed by Santos (1994). In order to support the dialogue, in addition to relying on the latest study from the publication "Regiões de Influência das Cidades – REGIC" (IBGE, 2018), which presents data on the urban networks, we will also address, inspired by the methodological approach of Catelan (2012), data on imports and exports of the state's urban centers, based on a consultation of the COMEX STAT platform from the Ministry of Development, Industry, Commerce, and Services, to evaluate their roles in consumption, distribution, and production. Some cartographic products (urban network, imports, and exports of Mato Grosso do Sul) were systematized using ArcGIS 10.8.2 software.

Keywords: Urban network. Horizontalities. Verticalities. Urban heterarchy. Imports and exports. Mato Grosso do Sul.

RESUMEN

El presente ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre la red urbana en el estado de Mato Grosso do Sul, considerando el par horizontalidad y verticalidad, acuñado por Santos (1994). Para fundamentar el diálogo, además de contar con el último estudio de la publicación "Regiões de Influência das Cidades – REGIC" (IBGE, 2018), que presenta datos sobre las redes urbanas, también abordaremos, inspirados en el enfoque metodológico de Catelan (2012), los datos de importaciones y exportaciones de los centros urbanos del estado, a partir de la consulta a la plataforma COMEX STAT del Ministerio de Desarrollo, Industria, Comercio y Servicios, para evaluar cómo se insertan en las condiciones de consumo, distribución y producción. Algunos productos cartográficos (red urbana, importaciones y exportaciones de Mato Grosso do Sul) fueron

[1] Conforme o próprio site do governo indica, a plataforma refere-se ao sistema oficial para extração das estatísticas do comércio exterior brasileiro de bens. (Ver: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>)

sistematizados utilizando el software ArcGIS 10.8.2.

Palabras clave: Red urbana. Horizontalidades. Verticalidades. Heterarquía urbana. Importaciones y exportaciones. Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

A rede urbana, entendida como conjunto funcionalmente articulado de centros urbanos e suas hinterlândias (Corrêa, 2006), pode ser analisada sob a perspectiva de uma região funcional, em que as interações socioespaciais estruturam-se por relações horizontais-próximas, ligando centros urbanos de papéis diferenciados. Centros locais, centros de zona, centros sub-regionais e capitais regionais são algumas das "classificações" que decorrem dessa diferenciação funcional. Nesse sentido, a rede urbana é estruturada por horizontalidades, uma vez que essas, nos termos de Santos (1994, p. 26), "são cimentadas pela similitude das ações (atividades agrícolas modernas, certas atividades urbanas) ou por sua associação e complementaridade (vida urbana, relações cidade-campo)."

No caso do estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande e Dourados (centros urbanos de maiores contingentes populacionais, bem como de papéis e funções urbanas mais complexas), estruturam, a partir dos fluxos que centralizam e dispersam, duas regiões de influência, ou se preferir, duas redes urbanas (IBGE, 2018). Uma porção significativa de centros urbanos de papéis menos complexos liga-se a esses centros principais em função da demanda por bens e serviços variados. Do mesmo modo, há interações socioespaciais em função do papel de intermediação de cidades de menor nível de centralidade que atendem o entorno sub-regional (cidades pequenas), bem como há centros urbanos onde a coalescência de funções atende apenas a população imediata (cidades locais). (Gomes, 2016)

A estruturação da rede urbana no estado de Mato Grosso do Sul se deu ao longo do processo de formação territorial do estado, em que centros foram criados e passaram a se articular com outros em diversos períodos, sob a égide de processos que acionam/articulam diversas escalas (locais, regionais, nacionais e mesmo internacionais). À guisa de ilustração, no período da produção de erva mate, no século XIX, Corumbá detinha importante papel de centralidade, como casa comercial, em relação à ampla parcela do território – configurado por uma hinterlândia de povoados e áreas rurais

voltadas direta ou indiretamente a essa atividade. Já no período da industrialização da região Sudeste do Brasil, século XX, o até então Sul de Mato Grosso[2] passa a cumprir funções de produção de gêneros agropecuários para o centro industrial, outros núcleos populacionais são criados e/ou ganham em importância em detrimento de Corumbá. (Gomes, 2016).

Apesar dessas redefinições nos papéis que os centros urbanos irão cumprir ao longo das últimas décadas, as interações entre eles podiam ser caracterizadas por horizontalidades-complementariedades, seja na dimensão econômica – como nós de uma hinterlândia voltada para atividade que se desenvolvia no campo –, seja nas relações urbano-regionais, na demanda pelos serviços urbanos ausentes nos pequenos centros e concentrados nas localidades centrais.

Entretanto, cabe ponderar que, nas últimas décadas, sob a égide do processo de globalização, os lugares, conforme assevera Santos (1994) são tensionados por vetores de escalas mais amplas ou verticalidades. Para o autor, "as verticalidades agrupam áreas ou pontos, ao serviço de atores hegemônicos não raro distantes. São os vetores da integração hierárquica regulada, doravante necessária em todos os lugares da produção globalizada e controlada à distância." (p. 26)

Bellet, refletindo sobre esse processo, coloca que:

> […] el proceso que denominamos "globalización" altera las tradicionales redes jerárquicas, estableciendo nuevos contextos espaciales en los cuales los flujos que articulan entre sí a las ciudades de una misma red urbana apenas son ya jerárquicos. La extensión de las relaciones económicas a gran escala altera los roles que desempeñan las ciudades de diferentes tamaños y diferentes grados de participación en la compleja división del trabajo a escala global. A su vez, esta extensión de las relaciones y la reordenación funciones conllevan la redefinición de los vínculos que se establecen a escala local, regional y nacional. (2009, p. 11-12)

Nesse sentido, o processo de globalização redefine as articulações interurbanas entre os centros, em que passam a existir outras configurações entre as cidades, para além da hierarquia urbana. Catelan (2012), que se voltou ao estudo de três cidades médias no estado de São Paulo, identificou que esses centros, além da articulação hierárquica e horizontal na rede urbana, também se articulam com as escalas globais em

[2] O estado de Mato Grosso do Sul foi criado no ano de 1977, sendo desmembrado de Mato Grosso.

função de seus papéis econômicos. A essa inserção concomitante, Catelan (2012), considerou como heterarquia urbana.

O conceito evocado pelo autor propõe uma análise que considera as horizontalidades e verticalidades presentes no espaço. Nessa perspectiva, ao vislumbrar a rede urbana no estado de Mato Grosso do Sul, cabe refletir no papel que os centros urbanos passaram a exercer nas últimas décadas, tensionados por verticalidades. Em nossa análise, cabe esclarecer, consideraremos os centros urbanos com diferentes papéis na rede urbana – não apenas os que exercem funções de intermediações[3] – que se inserem de forma também diferenciada na divisão territorial do trabalho.

Para estruturar o diálogo em torno dos pares horizontalidade e verticalidade, consideramos como horizontalidades os papéis urbano-regionais que os centros urbanos cumprem e, como verticalidades, seus papéis econômicos (ligados à produção, circulação e consumo de bens). Em relação às horizontalidades utilizaremos a classificação funcional dos centros urbanos sistematizados pelo IBGE (2018) e, para tratarmos das verticalidades, vamos considerar o número de relações estabelecidas a nível internacional, de acordo com os itens importados e exportados para diversos países, no período referente ao ano de 2023 (mais especificamente dos meses de janeiro a dezembro, consultados da plataforma COMEX SAT). O recorte aqui adotado, para não exceder muito nossas considerações, será o total do valor importado pelos munícipios que superaram US$ 100 milhões[4] e o total de valor exportado que superaram US$ 300 milhões[5].

HORIZONTALIDADES: SOBRE AS ARTICULAÇÕES INTERURBANAS NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

[3] Cidades médias na concepção de Corrêa (2017) são centros que têm função de intermediação entre as cidades pequenas e as cidades grandes ou metrópoles, ou seja, têm papel relacional na rede urbana – Dourados coloca-se como tal, exercendo importante papel urbano-regional sobre um hinterlândia formada por 30 centros urbanos (IBGE, 2018).

[4] Os dados de importação do ano de 2023 compreendem um total de 42 municípios do estado que importaram produtos variados de diversos países, totalizando US$ 2.951.173.423,00, porém, para tornar a análise mais sucinta, optamos por expor aqui apenas aqueles que importaram valores superiores a US$ 100 milhões.

[5] Os dados de exportação do ano de 2023 compreendem um total de 51 municípios, que exportaram produtos diversificados para numerosos países, totalizando US$ 7.493.102.432,00. Para tornar a análise mais sucinta, vamos analisar somente os que exportaram valores que superaram US$ 300 milhões.

Pensar o espaço a partir da perspectiva da rede urbana, como uma estrutura sintetizada por formas e funções que se articulam em interações de diferenciações e/ou complementaridades, permite que nos aproximemos da noção de horizontalidade proposta por Santos (1994): "De um lado, há espaços contínuos, formados de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as horizontalidades." (p. 46)

Christaller, ainda na primeira metade do século XX, ao sistematizar a Teoria das Localidades Centrais, afirmou que "A função principal – ou característica – de uma cidade é ser o centro de uma região." (Christaller, 1966, p. 16, *tradução nossa*). Na perspectiva do autor, lugares que detinham a capacidade de atender funcionalmente uma região, por meio da oferta de bens e serviços, assumiria a condição de localidades centrais.

A Teoria das Localidades Centrais foi um marco importante para o pensamento geográfico, sobretudo para os estudos posteriores sobre redes urbanas. Christaller, que estudou o sul da Alemanha, identificou que esses centros, que polarizavam uma região, diferenciavam-se funcionalmente/hierarquicamente. Articulando-se numa relação de subordinação, estruturavam uma rede, esquematizada por Christaller (1966) na forma de hexágonos – centros de mesmo nível hierárquico distanciavam-se uns dos outros e centros de níveis diferentes encontravam-se próximos.

No contexto brasileiro (antigo território colonial, país periférico de grande extensão, de urbanização rápida e desigual, onde a distribuição das formas e funções espaciais concentraram-se nas áreas centrais), os estudos sobre rede urbana ganharam força, sobretudo no período pós-2ª Guerra Mundial[6], por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os levantamentos feitos sobre o território, dialogando com as ideias de Christaller, voltaram-se a compreender a distribuição, papéis e ligações entre cidades. Dentre esses, merece relevo o trabalho de Corrêa sobre redes urbanas[7].

Para o autor "[...] a rede urbana – um conjunto de centros funcionalmente articulados –, tanto nos países desenvolvidos como subdesenvolvidos, reflete e reforça as

[6] Nesse período a ciência geográfica encontrava-se sob a influência do positivismo lógico, marcando-se por uma perspectiva teorético-quantitativa.

[7] Dentre as numerosas obras do autor sobre a temática, destaca-se: CORRÊA, Roberto Lobato. Estudos Sobre a Rede Urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. Nessa obra o autor traz um compilado de escritos seus sobre o tema da rede urbana ao longo das últimas décadas.

características sociais e econômicas do território, sendo uma dimensão sócio-espacial da sociedade." (Corrêa, 1989, p. 8)

A partir da ideia de Corrêa (1989), de que a rede urbana reflete a organização social e econômica do território, observamos que, no estado de Mato Grosso do Sul, essa rede apresenta um arranjo/estrutura onde há concentração de papéis/funções em alguns (poucos) centros em detrimento de vários centros de papéis/funções mais limitadas ou menos complexas.

As horizontalidades que pautam as interações interurbanas no estado podem ser melhor visualizadas quando consideramos a espacialização da rede urbana: Campo Grande (Capital Regional A) e Dourados (Capital Regional C) comandam duas redes urbanas, atraindo e dispersando fluxos (materiais e imateriais), sobre ampla parcela do território do estado (Figura1 – Regiões de Influência de Campo Grande - Capital Regional A - e Dourados - Capital Regional C). Sob suas regiões de influência há um número considerável de pequenos centros, ou de cidades de funções menos complexas (cidades pequenas ou cidades locais), que se subordinam a elas direta ou indiretamente na demanda por bens e serviços.

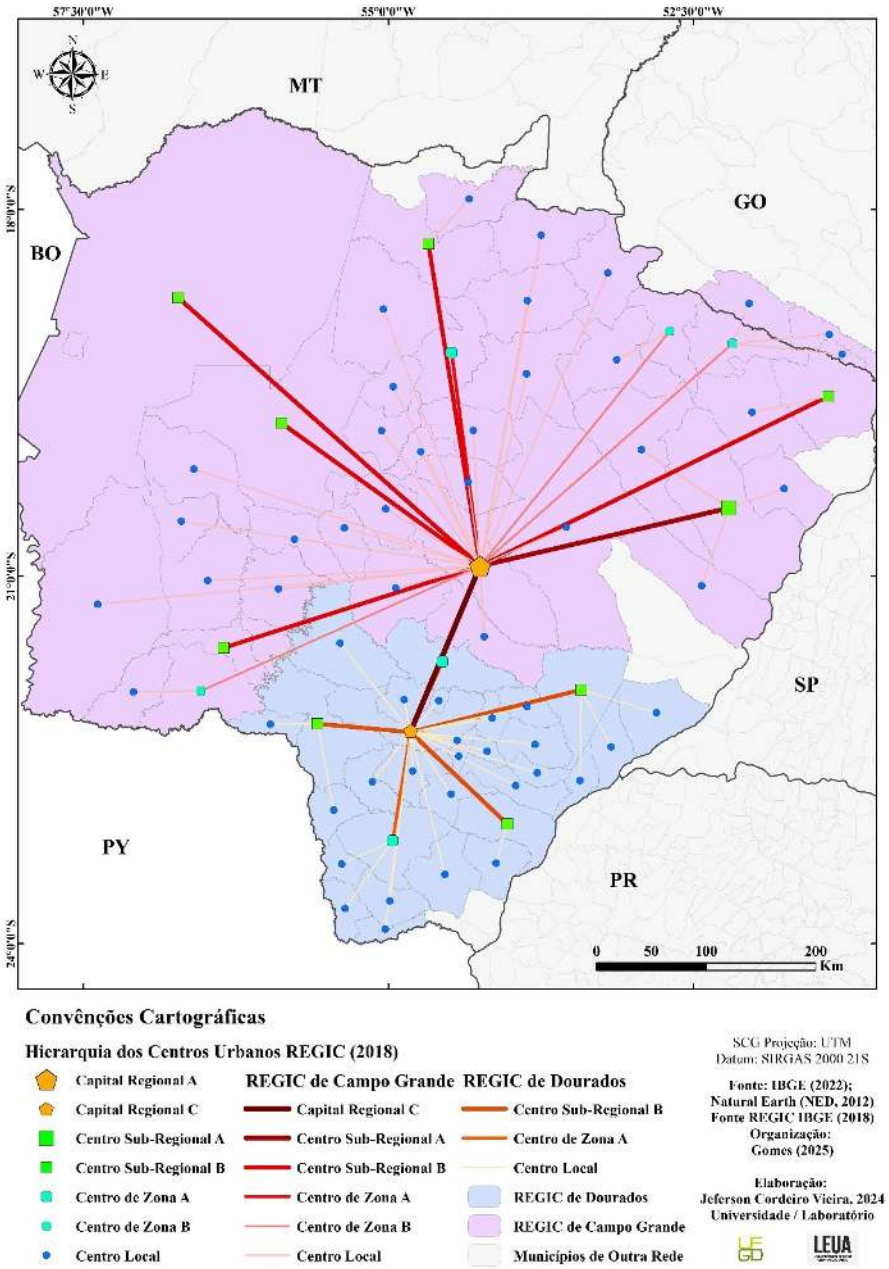
De forma direta, visualizamos como a rede urbana no estado de Mato Grosso do Sul se estruturou de maneira concentrada e desigual, em que as cidades de maior dinamismo ou centralidade atraíram os fluxos de populações expropriadas do campo. Assim, temos um número expressivo de centros locais que se ligam diretamente às Capitais Regionais – 52 centros de Mato Grosso do Sul e três do estado de Goiás[8], que se integram à rede urbana de Campo Grande e foram classificados como locais. Desses últimos, 37 centros ligam-se diretamente a uma Capital Regional (Campo Grande ou Dourados), mesmo alguns distando mais de 300 km desses centros.

Tomemos uma articulação interurbana desse tipo para exemplificar melhor: Ribas do Rio Pardo, situada na porção central do estado, foi classificada no último estudo sobre as regiões de influência das cidades como um centro local. Ou seja, um centro urbano que detém papéis mínimos (capazes de atender apenas às necessidades básicas de bens e serviços de sua população imediata), a ausência de algum serviço ou bens deve ser

[8] Aporé, Itajá e Lagoa Santa são centros urbanos localizados no estado de Goiás, que se subordinam à Cassilândia-MS, e por meio dessa, à Campo Grande. (IBGE, 2018)

compensada pela demanda em outro centro urbano, no caso Campo Grande, que abarca Ribas do Rio Pardo em sua hinterlândia, situada a menos de 100 km do centro local. A coesão das interações entre as duas cidades cimenta as horizontalidades, mas não se resumem a essas relações, como veremos mais adiante.

Figura 1. Regiões de Influência de Campo Grande (Capital Regional A) e Dourados (Capital Regional C).



Fonte: Regiões de Influência das Cidades, 2018.

Indiretamente as articulações interurbanas no estado de Mato Grosso do Sul podem ser mediadas por centros sub-regionais – nove cidades do território em questão, incluindo alguns arranjos populacionais (centros de forte proximidade geográfica e coesão socioespacial) foram categorizadas como tal na última Regic. Esses centros, por deterem algumas funções de média complexidade, atendem parte dos fluxos de seu entorno (regional) imediato, além de sua própria população interurbana, mas subordinam-se às Capitais Regionais. Como exemplo, tomemos Corumbá, centro sub-regional B – que dispõe de bens e serviços de média complexidade, – que atrai os fluxos de Ladário (centro local), além de alguns municípios da Bolívia. Mas subordina-se a Campo Grande, quando da ausência de bens e serviços de maior complexidade. (Gomes, 2016)

Novamente verifica-se como essas interações cimentam as horizontalidades. Mesmo Corumbá atraindo parte dos fluxos da Bolívia, esses se configuram como fluxos fronteiriços. Ou seja, uma região de interação "cortada" apenas pela formação territorial de ambos Estados-Nações[9]. Entretanto, a partir de Corumbá podem entrar e sair fluxos de/e para outras porções de ambos territórios, descontinuamente à fronteira, conforme buscaremos exemplificar adiante.

Quando tratamos das horizontalidades na perspectiva das Regiões de Influência das Cidades, as lógicas que regem os fluxos que estruturam a rede urbana deveriam seguir o seguinte sentido (hierárquico) no estado de Mato Grosso do Sul: os 55 centros locais deveriam se articular com os seis centros de zona, os nove centros sub-regionais ou, ainda, com as duas Capitais Regionais. Entretanto, nas últimas décadas, diante de processos que acionam escalas mais amplas, um centro local, por exemplo, pode articular-se com um centro metropolitano de outro país, estabelecendo interações com esses, sem necessariamente romper suas articulações horizontais-próximas.

VERTICALIDADES: INTERAÇÕES INTERESCALARES A PARTIR DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

[9] Para mais sobre esse tipo de relação fronteiriça, ver: OLIVEIRA, T. C. M. "Tipologia das Relações Fronteiriças: elementos para o debate teórico--práticos" In: OLIVEIRA, T.C.M. (Org). Território sem Limites – Estudos sobre fronteiras. pp. 337-408. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005

Nas últimas décadas as interações espaciais se reconfiguraram, resultando em redefinições das lógicas que se dão e estruturam a rede urbana. As interações horizontais entre as cidades, que procuramos descrever anteriormente, ditadas pela diferenciação de seus papéis urbanos, até então caracterizadas pela subordinação e/ou complementariedade, são atravessadas por interações de longo alcance, ditadas por centros urbanos de outras porções do mundo globalizado. Nessa lógica, centros, até então de papéis urbanos limitados ou menos complexos, podem ser acionados na esfera produtiva para atender as demandas do mundo globalizado, (re)inserindo-se – sem necessariamente romper suas relações com um centro próximo de maior hierarquia – com novo papel na divisão internacional do trabalho.

Para nos aproximarmos um pouco mais do entendimento dessa lógica, vejamos alguns dados de comércio exterior a partir de alguns municípios do Mato Grosso do Sul. A iniciar pelos dados de importação, os centros que mais importaram em 2023, considerando-se diversos tipos de bens e países produtores, de acordo com a soma total dos bens, foram Corumbá (US$ 1.316.252.191,00), Três Lagoas (US$ 469.577.072,00), Campo Grande (US$ 419.789.524,00), Ribas do Rio Pardo (US$ 171.713.310,00), Dourados (US$ 166.868.216,00) e Nova Andradina (US$ 153.427.060,00). (COMEX SAT, 2024).

Corumbá coloca-se em primeiro lugar por conta de sua situação geográfica de fronteira com a Bolívia, sendo o município por onde o Brasil importa gás de petróleo e outros hidrocarbonetos gasosos do país vizinho[10]. Além da Bolívia, Corumbá estabelece interações de importação com mais cinco países (Estados Unidos, China, Paraguai, Peru e Tailândia), dos quais também importa máquinas pesadas para atividade mineradora; adubos (fertilizantes); carvão vegetal; máquinas de terraplanagem; entre outros. Interessante notar, que Corumbá, apesar de ser o quarto município mais populoso do estado (IBGE, 2022), é considerado um centro sub-regional B (IBGE, 2020), não exercendo papéis urbano-regionais de grande alcance espacial, ainda que se articule espacialmente com outros territórios.

[10] Excetuando-se as importações de gás, que somaram em 2023 o valor de US$ 1.306.358.028,00, Corumbá não apareceria entre os centros urbanos de maior montante de importação. Cabe considerar que o município não consome todo o gás importado, sendo um nó importante de distribuição para o Centro-Sul do país.

Três Lagoas também se destaca nas importações, principalmente pela diversidade de interações estabelecidas e produtos importados, que incluem: tecidos de fios de filamentos sintéticos; cobre afinado e ligas de cobre; veludos e pelúcias; cobertores e mantas; hidróxido de sódio e hidróxido de potássio; díodos, transistores e dispositivos semicondutores; além de fibras sintéticas descontínuas; entre outros. Tais importações alicerçam a coalescência de funções, desde a geração de energia hidrelétrica (na usina das proximidades), até o embasamento das indústrias de papel e celulose, têxteis, de refrigeradores, entre outras. Em 2023, foram 549 produtos importados de diversos países, com destaque para China, Chile, Peru, Paraguai, Estados Unidos e Tailândia. Três Lagoas, terceiro centro urbano mais populoso do Mato Grosso do Sul, foi considerado, na última Regic (IBGE, 2018), como um centro sub-regional A, com uma área de influência limitada a três centros urbanos.

A partir de Campo Grande, foram estabelecidas 826 interações de importações em 2023, destacando-se adubos (fertilizantes) minerais ou químicos; aparelhos para interrupção, seccionamento, proteção, derivação, ligação ou conexão de circuitos elétricos; gás de petróleo e outros hidrocarbonetos gasosos; cadeados, fechaduras e ferrolhos; guarnições, ferragens e artigos semelhantes; entre outros. Além do papel de centralidade, em relação a uma região produtiva voltada para o agronegócio, que justifica os volumes consideráveis de importação de adubos e fertilizantes (US$ 289.934.496,00), Campo Grande destaca-se pela diversidade de produtos importados destinados às mais variadas atividades primárias, secundárias e terciárias de sua rede urbana. Apesar de não contar com significativa presença de plantas industriais e não se localizar em uma região de fronteira, Campo Grande se coloca com um dos municípios que mais importaram no período considerado, o que corrobora ainda mais seu papel preponderante sobre os demais centros urbanos do estado, como Capital Regional A, centro de amplo alcance espacial dentro do estado de Mato Grosso do Sul. (IBGE, 2018)

Em Ribas do Rio Pardo, podemos verificar a partir dos dados de importação, um destaque para produtos ligados à indústria de papel e celulose, bem como de construção civil: máquinas e aparelhos, para fabricação de pasta de matérias fibrosas celulósicas; outras máquinas e aparelhos de elevação, de carga, de descarga ou de movimentação; cábreas, guindastes, pontes rolantes; aparelhos e dispositivos para

tratamentos de mudanças de temperatura; turbinas a vapor; máquinas e aparelhos, mecânicos, com função própria; entre outros. O referido centro urbano passou por transformação recente, mediante a instalação de uma planta industrial de papel e celulose[11], o que justifica os elevados valores de importação. Convém pontuar, que Ribas do Rio Pardo não se encontrava, no último censo (2022), entre os centros urbanos mais populosas do estado, e muito menos cumpria, de acordo com o último estudo da Regic (IBGE, 2018), um papel urbano-regional significativo, sendo considerada como um centro local. Entretanto, diante de suas consideráveis importações, e pelo papel econômico-produtivo que passou a cumprir nos últimos anos, projetou-se a diversificação seus papéis – o alcance espacial a partir da atividade industrial pode ter maior relevância vertical que horizontal.

As interações espaciais de importações a partir de Dourados, estabelecidas com diversos países, totalizaram 141 em 2023, com destaque para: álcool etílico não desnaturado; adubos (fertilizantes) minerais ou químicos; produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado; agentes orgânicos de superfície; outros veículos aéreos; dentre outros. Chama a atenção o volume de adubos (fertilizantes) importados, o que se justifica por sua região produtiva voltar-se ao agronegócio. Pela presença de indústrias do setor energético, também destaca-se o volume de álcool etílico não desnaturado. Segunda maior em contingente populacional do estado de Mato Grosso do Sul (IBGE, 2022), Dourados foi considerada, no último estudo da Regic, Capital Regional C, ou seja, um centro de relevante papel urbano-regional, que atende a uma ampla parcela do território sul-mato-grossense na oferta de bens e serviços. A cidade média (Calixto, 2019), por interagir espacialmente com as escalas verticais e horizontais, reúne as condições para as relações heterárquicas observadas por Catelan (2012).

Quando consideramos Nova Andradina, foram 42 interações de importações de diversos países, com destaque para cobre afinado e ligas de cobre; adubos (fertilizantes) minerais ou químicos; máquinas e aparelhos para preparar couro; entre

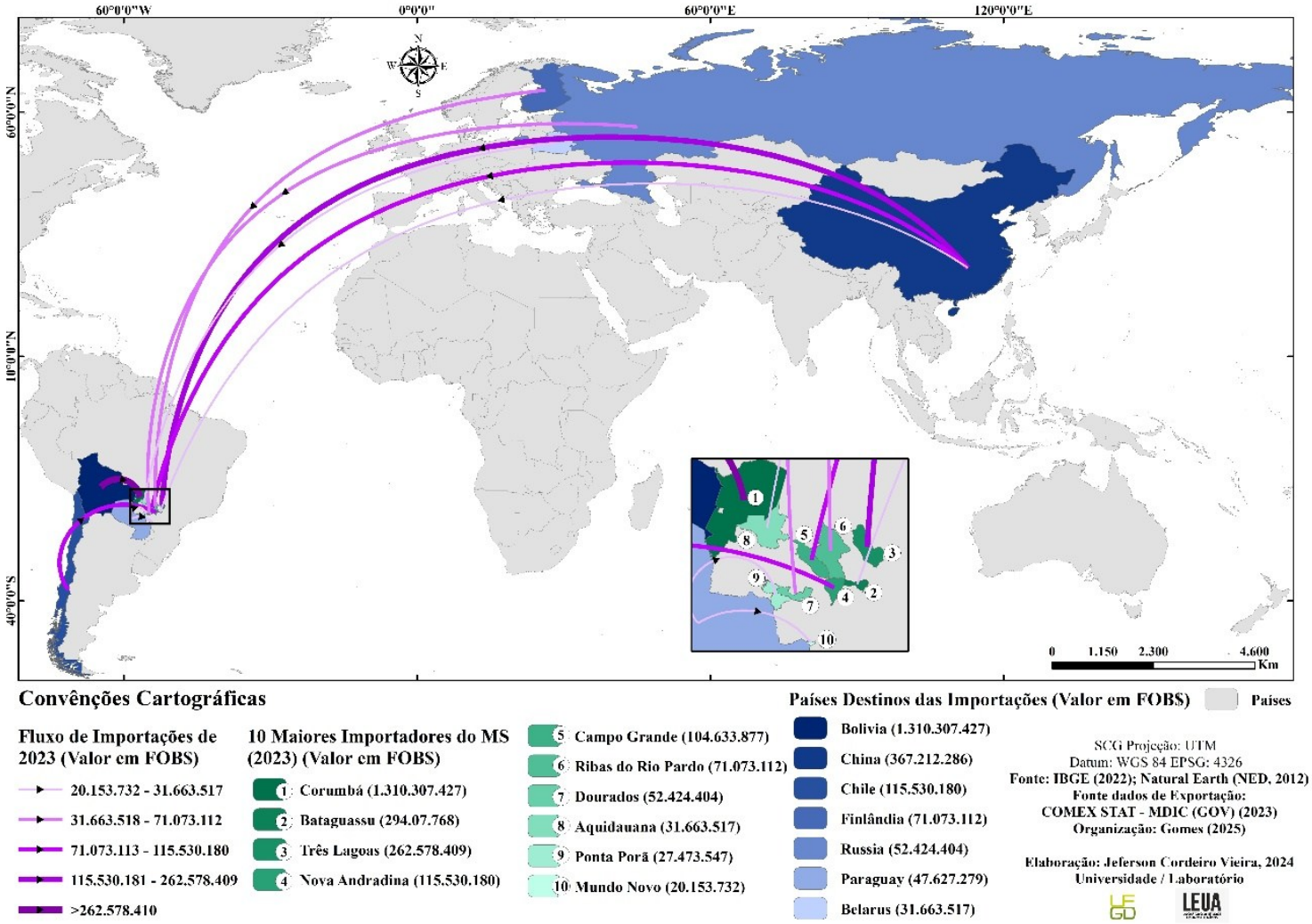
[11] De acordo com o próprio site da empresa, a fábrica construída em Ribas do Rio Pardo é a maior planta de celulose em linha única do mundo. Ver: <https://www.suzano.com.br/noticia/suzano-inaugura-oficialmente-a-maior-fabrica-de-celulose-em-linha-unica-do-mundo#:~:text=A%20Suzano%2C%20maior%20produtora%20mundial,do%20Rio%20Pardo%20(MS)>. Acesso em 16/03/2025.

outros. O volume de importação de cobre afinado chama atenção, uma vez que corresponde a 75% do total importado pelo município. Ademais, os produtos são diversificados para as funções exercidas na cidade e sua região de influência. No último estudo da Regic, Nova Andradina foi classificada como um centro sub-regional B, ou seja, detinha papéis urbano-regionais consideráveis, predominantemente de média complexidade, sobre três outros centros urbanos. Apesar das funções sub-regionais, por articular-se à lógica global, vem aprofundando seus papéis urbanos, desencadeando novas lógicas de produção do espaço, como apontou Santana (2024)[12].

De modo a facilitar a visualização desses dados apresentados, procuramos organizar, no mapa que segue (Figura 2 – Municípios com maiores valores de importação a partir de um único país – 2023), os municípios que mais importaram bens, a partir de uma única origem (país). Para não "poluir graficamente" o mapa, a proposta foi organizarmos os dados a partir do maior valor importado de um único país, o que já é possível de garantir certa aproximação com o diálogo proposto.

[12] Na pesquisa o autor identificou a produção de novas formas de morar em cidades pequenas, caso de Nova Andradina, na produção imobiliária de loteamentos fechados voltados para segmentos sociais de maior poder aquisitivo.

Figura 2. Municípios com maiores valores de importação a partir de um único país – 2023.



Fonte: COMEX STAT (2024)

Na importação, principalmente de produtos não manufaturados ou de baixa transformação, as principais interações estabelecidas, a partir dos centros urbanos destacados, são com alguns países da América do Sul. Também é possível depreender a relevância de alguns países europeus, principalmente de produtos industrializados (alguns de alta tecnologia). Também tem destaque os produtos industrializados, de diferentes gêneros, importados da China.

É importante destacar que as importações, majoritariamente, objetivam alicerçar dinâmicas produtivas que se realizam, não somente nos centros urbanos considerados, mas sobretudo nas hinterlândias comandadas por eles. Um quadro do papel

produtivo das regiões de influência que esses centros urbanos comandam pode ser visualizado nas exportações realizadas.

Em relação aos dados de exportação, podemos classificar os municípios de Mato Grosso do Sul, de acordo com os valores exportados em 2023, na seguinte ordem: Três Lagoas (US$ 1.798.775.985,00), Dourados (US$ 1.546.794.322,00), Campo Grande (US$ 510.247.030,00), Corumbá (US$ 510.093.946,00), Antônio João (US$ 500.428.235,00) e Chapadão do Sul (US$ 300.877.879,00). (COMEX SAT, 2024)

A partir do centro sub-regional de Três Lagoas, foram exportados sobretudo pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato (celulose), tendo como destino principais a China, os Estados Unidos, a Itália e os Países Baixos; tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja, destinados à Indonésia e à Polônia; papel e cartão, não revestidos, exportados para o Peru e a Nigéria; refrigeradores, congeladores e outro material, enviados para o Paraguai, a Bolívia e o Uruguai; óleo de soja e respectivas frações, vendidos para a China; bem como outros produtos de menor relevo, que juntamente com os anteriores, somaram 144 interações de exportação, para o período considerado. O alcance espacial da cidade tem maior relevo quando consideramos suas relações verticais de exportação.

Em relação à Capital Regional C, Dourados, foram realizadas exportações, principalmente, de soja para a Argentina e China; tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja para os Países Baixos, Polônia, Dinamarca, Alemanha e China; milho para a China, Japão e Coreia do Sul; óleo de soja e respectivas frações para a Índia; gorduras de animais das espécies bovina, ovina e caprina, para os Estados Unidos; entre outros produtos e destinos, que somados aos anteriores totalizaram um número de 119 interações em 2023. Novamente, verifica-se a preponderância da inserção vertical de Dourados na lógica global.

Tendo como referência Campo Grande, Capital Regional A, foram realizadas exportações de carnes bovinas, com destino ao Chile, Estados Unidos, Canadá, México, Egito, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Rússia, Países Baixos e Reino Unido; soja para a Argentina e China; couros e peles curtidos para a China; tortas e outros resíduos sólidos da extração de óleo de soja para a Indonésia e Tailândia; além de outros produtos e destinos, que incluindo os anteriores, englobaram 404 interações de

exportação. Pontue-se que não foi a partir desse centro que se deu os maiores valores exportados, mas é interessante como a Capital Regional A tem diversidade no número de interações, articulando-se a diversos destinos. Os papéis comerciais, administrativos, financeiros que concentram-se na Capital, corroboram para seu alcance espacial vertical.

Corumbá, centro sub-regional B, pela situação geográfica de fronteira e também pela presença de jazidas minerais[13], destacou-se nas exportações, principalmente, de minérios de ferro e seus concentrados, para o Uruguai, a Argentina, os Estados Unidos, a Itália e Singapura; ferro fundido bruto e ferro spiegel[14] para a Argentina e os Estados Unidos; minérios de manganês e seus concentrados, para o Uruguai e Argentina; ferro-ligas para a Argentina e Bolívia; amidos e féculas para a Bolívia; reboques e semi-reboques para quaisquer veículos com destino também à Bolívia. O alcance espacial de Corumbá ganha relevância a partir da produção de *commodities* que é exportada para outros países.

Antônio João, apesar de ser considerado apenas um centro local – detém papéis urbano-regionais limitados, atendendo apenas à população imediata de seu entorno – foi o quinto município com maior volume de exportação em 2023. Dentre os principais produtos e países estão a soja destinada para a China, Argentina, Coreia do Sul, Taiwan, Bangladesh, Tailândia e Iraque; e o milho comercializado com o Vietnã, China, Japão, Irã, Malásia, Indonésia, Coreia do Sul, Taiwan e Iraque. As *commodities* agrícolas produzidas e exportadas alcançaram mercados em diferentes continentes, totalizando 16 interações, com destaque para a Ásia. Antônio João insere-se verticalmente nas articulações com outros países, entretanto, na demanda de diversos bens e serviços, subordina-se a Ponta Porã e, por meio deste centro, a Dourados. Apesar de destacar-se nas exportações, nas importações não deteve relevo.

Outro município que se destacou nas exportações foi Chapadão do Sul, Centro de Zona B – detém funções que extrapolam a centralidade mínima, atendendo urbano-regionalmente mais de um município. A partir de Chapadão do Sul foram

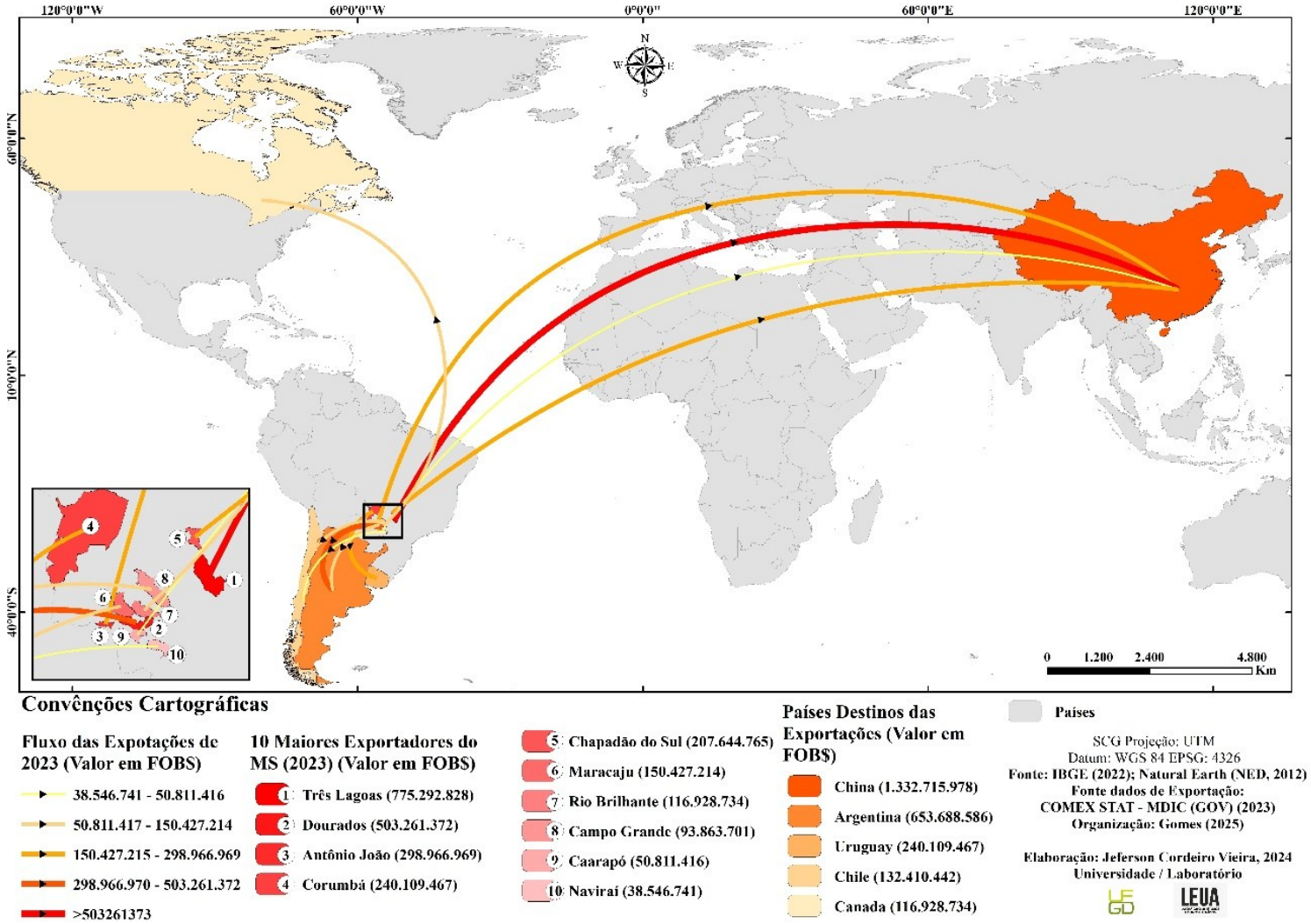
[13] Lamoso (2018), dialogando com os dados do Departamento Nacional de Produção Mineral de 2014, demonstra que Mato Grosso do Sul participa com 13,1% das reservas nacionais de ferro, porém com apenas 2% de produtividade na participação nacional; em relação ao manganês a produtividade é maior, sendo de 14,6% de participação nacional.

[14] Ferro com teor considerável de manganês.

exportados soja com destino à China, Irã, Taiwan, Tailândia, Vietnã, Arábia Saudita, Iraque, Bangladesh, Argentina e Itália; milho para a China, Vietnã, Japão, Irã, Coreia do Sul, Malásia, Taiwan, Indonésia, Omã, Arábia Saudita, Egito, Marrocos e Chile; e algodão destinado à Indonésia, Bangladesh, Turquia, China, Índia, Paquistão, Vietnã, Malásia e Japão. Foram realizadas 34 interações a partir do município, tendo preponderância as *commodities* destinadas aos mercados asiáticos. Assim como Antônio João, Chapadão do Sul não se destaca nas importações, realizadas preponderantemente a partir de Campo Grande, centro ao qual se subordina horizontalmente.

Para visualizarmos melhor a discussão pretendida, na Figura 3 – Municípios com maiores valores de exportação para um único país – 2023, que também optamos pela filtragem dos dados de exportação para facilitar a organização dos dados, verificamos os principais destinos da produção vendida para outros países. Como no anterior, selecionamos apenas um destino de exportação, a partir dos municípios com maiores valores exportados, o que já garante certa aproximação com o diálogo.

Figura 3. Municípios com maiores valores de exportação para um único país – 2023.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Faz-se mister considerar o peso das vendas externas para os mercados asiáticos, capitaneadas pela China – principal destino das exportações realizadas a partir dos municípios do Mato Grosso do Sul. Das exportações realizadas, à exceção de poucos bens manufaturados (papel e cartão, refrigeradores e freezers), destinados a países vizinhos/fronteiriços, grande percentual advém da produção de *commodities* realizada no campo sul-mato-grossense.

Nessa perspectiva, a inserção dos centros urbanos nas dinâmicas verticais de importação e exportação reflete a assimetria das interações espaciais dos países dos quais fazem parte, bem como do papel que os mesmos exercem na divisão internacional do

trabalho. Os centros urbanos do estado de Mato Grosso do Sul importam bens de alto valor agregado e exportam principalmente *commodities*, que exigem uma produção em largas parcelas territoriais (agricultura, silvicultura, pecuária extensiva).

Por fim, cabe ponderar até que ponto as dinâmicas verticais, que se intensificaram nas últimas décadas, são capazes de tensionar a rede urbana, diante de novos papéis que os centros podem ou não cumprir na divisão territorial do trabalho, levando à redefinição de suas funções, desdobradas ou não em suas relações horizontais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a rede urbana, a partir das perspectivas de horizontalidade e verticalidade, possibilita uma análise sobre os papéis que os centros urbanos cumprem no âmago das redefinições da divisão territorial do trabalho. Como procuramos demonstrar, a rede urbana estrutura-se de forma horizontal, sustentada pelos papéis diferenciados que os centros urbanos detêm, com Campo Grande e Dourados exercendo importante influência sobre os demais centros urbanos do estado de Mato Grosso do Sul. Aqui, as horizontalidades são estabelecidas pela demanda dos centros de papéis urbanos menos complexos ou mais limitados (centros locais) em direção aos centros sub-regionais ou às capitais regionais.

Entretanto, lógicas que se pautam em escalas mais amplas ou lógicas verticais perpassam a rede urbana, redefinindo as interações e articulações. Se no passado as interações interurbanas restringiam-se às lógicas horizontais (centros locais buscavam centros sub-regionais, capitais regionais ou metrópoles nacionais), nas últimas décadas as interações interurbanas passam a se tornar cada vez mais verticais, com centros locais articulando-se no consumo produtivo[15], para usar outra ideia de Santos (1994), a outros centros de outros países da esfera global.

O exemplo de Ribas do Rio Pardo, nas importações volumosas, ilustra bem essas redefinições. Mesmo tendo papéis mais limitados (centro local), insere-se nas

[15] O autor trabalha com as ideias de consumo consumptivo e consumo produtivo. O primeiro está relacionado ao consumo de serviços e bens diretamente pela população (saúde, educação, lazer, bens de consumo duráveis), já o segundo está ligado ao consumo que sustenta a esfera da produção que se realiza no espaço. Para Santos, "Com a modernização agrícola, o consumo produtivo tende a se expandir e a representar uma parcela importante das trocas entre os lugares da produção agrícola e as localidades urbanas." (Santos, 1994, p. 74)

lógicas verticais de importação. “Saltando” etapas da rede urbana (capitais regionais ou metrópoles nacionais), conecta-se na demanda de bens e serviços a outras esferas ou escalas espaciais. Apesar de não haver comparecido, por conta do período considerado, entre os municípios de maior volume de exportação, é possível projetar que Ribas do Rio Pardo passará por redefinições de suas lógicas urbanas, em razão da instalação da planta industrial de papel e celulose.

Em relação às exportações podemos verificar o mesmo, tomando como exemplo Antônio João e Chapadão do Sul, que conectam-se verticalmente aos mercados asiáticos, mediante a produção de *commodities* em suas respectivas hinterlândias. Ao “saltarem” também etapas na rede urbana, se articulam a demandas de esferas ou escalas distantes – o alcance espacial de centros urbanos exteriores/distantes aciona esses centros locais. Entretanto, cabe lembrar que ambos os centros não aparecem com volumes vultuosos de importações. O consumo produtivo dos mesmos é suprido tanto por Campo Grande, quanto por Dourados.

Por sua vez, estes últimos centros urbanos conseguem manter uma dupla inserção escalar, tanto em relação às suas respectivas regiões de influência (horizontalidades), quanto em relação às dinâmicas de importações e exportações (verticalidades). Tomando novamente a noção sistematizada por Catelan (2012), essa dupla escalaridade/inserção/papel de Campo Grande e Dourados configura a heterarquia urbana.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que as Capitais Regionais aprofundaram ainda mais seus papéis diante das redefinições impulsionadas e aprofundadas pelas lógicas verticais. Cabe, todavia, refletir se os demais centros (locais, de zona ou sub-regionais), ao acionarem e serem acionados por lógicas distantes irão passar por redefinições de seus papéis urbanos, desdobrando-se numa inserção regional-horizontal mais significativa. Contudo, o aprofundamento dessas relações deverá nortear futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BELLET SANFELIU, C. Del concepto ciudad media al de ciudad intermedia en los tiempos La globalización. In: BELLET SANFELIU, Carmen Bellet; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs). **Las ciudades medias o intermédias en un mundo globalizado**. Lleida: Universitat de Lleida, 2009.

CALIXTO, M. J. M. S. O processo de consolidação da centralidade regional de Dourados-MS na rede urbana: uma contribuição para a análise de uma cidade média. **Geousp – Espaço e Tempo** (Online), v. 23, n. 3, p. 582-601, dez. 2019, ISSN 2179-0892.

CATELAN, M. J. **Heterarquia Urbana**: interações espaciais interescalares e Cidades Médias. 2012. 227 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, 2012.

CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.

CORRÊA, R. L. Cidades médias e rede urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação B.; SILVA, Wiliam Ribeiro. **Perspectivas da urbanização**: reestruturação urbana e das cidades. Rio de Janeiro: Consequência, 2017, p. 29-38.

CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, R. L. **A Rede Urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989

GOMES, I. R. P. **Cidades pequenas e rede urbana:** interações espaciais a partir do sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul. 2016. 213p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões de influência das cidades** 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

LAMOSO, L. P. Produtividade Espacial e Commodity, Mato Grosso do Sul - Brasil. In: **Mercator**, Fortaleza, v. 17, e17012, 2018.

SANTANA, E. B. **Reestruturação da cidade e mobilidade socioespacial em Nova Andradina-MS**. 306 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2024.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional. São Paulo: Ed. Afiliada, 1997

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS. COMEX STAT: Balança Comercial e Estatística de Comércio Exterior. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>. Acesso em: 15/10/2024.

Sites:

<https://www.suzano.com.br/noticia/suzano-inaugura-oficialmente-a-maior-fabrica-de-celulose-em-linha-unica-do-

mundo#:~:text=A%20Suzano%2C%20maior%20produtora%20mundial,do%20Rio%20Pardo%20(MS)>. Acesso em 16/03/2025.

Recebido em março de 2025.

Revisão realizada em junho de 2025.

Aceito para publicação em julho de 2025.